

Folha da Embrapa

ANO INTERNACIONAL DAS FLORESTAS

Páginas 6 e 7.



Foto: Kátia Pichelli

Sumário

3 a 5 | Novidades no Sistema Embrapa de Gestão

6 e 7 | Hotsite destaca a pesquisa florestal na Empresa

8 | Política de Transferência de Tecnologia entra na reta final

9 | As abelhas do Semiárido

10 | O artesanato que vem do milho

11 | Pesquisador protagoniza documentário sobre mandioca

12 | A apaixonante história de um casarão

A Embrapa e as Florestas

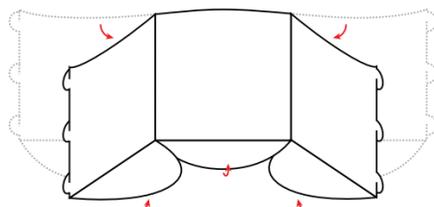
Bem-vindos à edição de outubro do Folha da Embrapa. Neste número, vamos mostrar como a Embrapa está participando do Ano Internacional das Florestas, proposto pela Organização das Nações Unidas como reflexão para 2011. Uma das ações foi o lançamento, em setembro, do hotsite Florestas na Embrapa, que reúne informações sobre todo o universo da pesquisa florestal na Empresa. De presente, segue com esta edição um porta-lápis alusivo ao hotsite. E não deixe de conferir também, nas páginas de 3 a 5, uma entrevista com o diretor-executivo de Pesquisa e Desenvolvimento, Maurício Antônio Lopes, falando sobre o processo de reformulação do Sistema Embrapa de Gestão (SEG). As mudanças foram propostas dentro

de um estudo realizado pela Unicamp e já estão em fase de implantação. E por falar em novidades, a elaboração da Política de Transferência de Tecnologia da Embrapa está entrando na sua reta final. Quem dá os detalhes é o diretor-executivo de Transferência de Tecnologia, Waldyr Stumpf Junior, na página 8 desta edição.

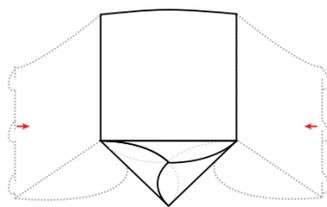
E como outubro é o mês da criança, não poderíamos deixar de fazer uma homenagem a esses seres tão maravilhosos que iluminam nossas vidas. Por isso, com este número do Folha você recebe também um jogo da memória produzido pela Secretaria de Comunicação para a Semana de Ciência e Tecnologia deste ano.

Aproveitem a leitura e até a próxima. *Os editores!*

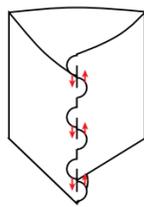
Veja como montar seu porta-lápis



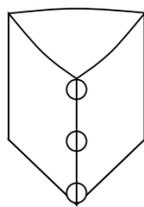
1 Não é necessário usar cola na montagem! Primeiro, dobre as laterais e o fundo.



2 Aproxime as laterais para fechar a caixa passando as abas do fundo ora por cima ora por baixo como ilustrado.



3 Alinhe os cortes dos três semi-círculos e puxe para baixo um de cada vez para que se encaixem e travem o porta-lápis.



4 Está montado e pronto para uso!



EXPEDIENTE - Folha da Embrapa é uma publicação editada pela Secretaria de Comunicação (Secom) da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). **Endereço:** Parque Estação Biológica s/nº Edifício Sede. CEP: 70.770-901 Brasília-DF. **Fones:** (61) 3448-4834 - **Fax:** (61) 3347-4860. **Diretor-Presidente:** Pedro Antonio Arraes. **Diretores:** Maurício Lopes, Waldyr Stumpf e Vania Castiglioni.

Chefe da Secretaria de Comunicação (Secom): Rose Lane César. **Coordenadora de Relações Públicas:** Maria da Graça Monteiro. **Coordenadora de Articulação e Estudos de Comunicação:** Heloiza Dias da Silva. **Coordenadora de Gestão da Marca e Publicidade:** Fernanda Muniz Junqueira Ottoni. **Coordenadora de Jornalismo:** Marita Féres Cardillo. **Supervisor de Divulgação Interna:** Fernando Gregio. **Fotolitagem, Impressão e Acabamento:** Embrapa Informação Tecnológica. **Fone:** (61) 3349-6530.

Editora Geral: Rose Lane César Mtb 2978/13/74/DF **Editor Executivo:** Eduardo Pinho Mtb 1073/GO. **E-mail:** eduardo.rodrigues@embrapa.br. **Revisão final:** Fernando Gregio. **Editoração Eletrônica:** Nayara Brito. **Jornal impresso em papel feito a partir de madeira certificada e de fontes controladas.**

Novidades à vista no SEG

O Sistema Embrapa de Gestão (SEG) está sendo reformulado. A necessidade de mudanças foi apontada por um estudo conduzido pela Unicamp e as primeiras novidades começam a ser implantadas ainda neste ano. Confira nesta entrevista com o diretor-executivo de Pesquisa e Desenvolvimento da Embrapa, Maurício Antônio Lopes, que mudanças são essas.

Folha: O que é o Sistema Embrapa de Gestão (SEG) e como ele funciona?

Maurício Lopes: O SEG é o macroprocesso mais importante da Empresa, pois orienta toda a produção da Embrapa. De início é importante que se compreenda que o SEG não trata apenas da programação de P&D da Empresa. Com a criação do SEG, em 2002, a programação em execução no sistema de gestão anterior (SEP) foi reagrupada, incluindo todas as ações de P&D, de transferência tecnológica, de comunicação e de desenvolvimento institucional. O SEG prioriza foco no cliente com ênfase em processos e sistemas, trabalho em equipe, projetos e redes multidisciplinares e transversais, além da otimização no uso de recursos.

O SEG é um macroprocesso que conta com diversos colegiados, responsáveis por vários processos e subprocessos ligados. O Comitê Gestor da Estratégia

(CGE) foi criado para viabilizar um processo contínuo de prospecção estratégica e definição de diretrizes de uma Agenda Institucional que viabilize orientação do processo de produção e de gestão da Empresa. O Comitê Gestor da Programação (CGP) tem as atribuições de coordenar, balancear e alinhar o conjunto de carteiras de projetos e processos dos Macroprogramas do SEG às diretrizes estratégicas da Empresa. As Comissões Técnicas de Macroprogramas (CTMP) têm a atribuição de realizar a avaliação inicial, acompanhamento e avaliação final do desempenho e do mérito técnico das propostas de projetos e processos referentes aos macroprogramas do SEG. O Comitê Técnico Interno (CTI) das Unidades Descentralizadas e Comitê Técnico da Sede (CTS) têm as atribuições de avaliar, aprovar e acompanhar a programação das Unidades, verificando especialmente a qualidade técnica dos projetos e processos e sua coerência com os Planos Diretores da Empresa e das Unidades e com a Agenda Institucional da Embrapa.

O SEG consolidou na Embrapa um sistema de chamadas e indução, bem como um processo de avaliação de méritos técnico e estratégico de todas as propostas, que quando aprovadas são gerenciadas no âmbito de seis Macroprogramas: Grandes Desafios Nacionais, Competitividade e Sustentabilidade Setorial, Desenvolvimento Tecnológico Incremental do Agronegócio, Transferência de Tecnologia e Comunicação Empresarial, Desenvolvimento Institucional e Apoio ao Desenvolvimento da Agricultura Familiar e à Sustentabilidade do Meio Rural.

Maurício Lopes: Apesar da lógica do SEG, bastante focada em ação cooperativa e transversal, e de outros esforços da Empresa para implantar e melhorar processos, fatores como a cultura e a estrutura organizacional ainda atuam como barreiras para a adoção de uma operação mais transversal e sinérgica no âmbito das equipes e das Unidades Descentralizadas. Assim, a transformação da estrutura organizacional vertical e especializada por produtos, temas e ecorregiões, em um sistema mais transversal, integrado, alinhado e harmônico é ainda um grande desafio para a Embrapa.

Há cerca de dois anos chegou-se à conclusão que seria interessante realizar uma análise crítica do SEG para melhor qualificar essa fragilidade e aspectos que pudessem ser aprimorados. Uma consultoria externa foi contratada e fez um estudo bastante detalhado, avaliando as três dimensões do SEG: estratégica, tática e operacional.

Uma constatação importante foi a de que o SEG é um sistema bastante avançado e muito adequado para gestão da programação de uma Empresa tão complexa e diversa como a Embrapa e, por isso, precisa ser fortalecido. Após a entrega dos resultados da avaliação externa, estudos internos foram também realizados para identificação das recomendações mais importantes e das fragilidades a serem tratadas no curto prazo.

Folha: Que ajustes são esses?

Maurício Lopes: Os resultados da avaliação apontam claramente que precisamos fortalecer a dimensão estratégica do SEG. O sistema é muito dependente de uma Agenda Institucional que aponte

“

O SEG é o macroprocesso mais importante da Empresa, pois orienta toda a produção da Embrapa.”

Maurício Antônio Lopes,
diretor-executivo de P&D

Folha: Por que o SEG está sendo reformulado?



Foto: Cesar Tadeu

prioridades e norteamento para as chamadas e os processos de indução usados para compor as carteiras de projetos no âmbito dos seis Macroprogramas. E essa Agenda foi elaborada apenas uma vez, em 2002, e depois disso nunca mais foi revisada.

A conclusão é que a Empresa deve revisar de imediato e realizar adequações mais sistemáticas da sua agenda de prioridades, o que apontará para o SEG quais são os principais desafios, riscos e oportunidades para a agricultura no presente e no futuro. Assim, a Empresa poderá definir chamadas e realizar indução com foco mais claro em questões de grande relevância e que ajudem a integrar as Unidades e os pesquisadores, diminuindo dispersão e redundâncias na nossa programação.

Folha: E de quanto em quanto tempo será feita essa revisão da agenda?

Maurício Lopes: Na verdade, e considerando que vivemos um tempo de mudanças rápidas e constantes, é preciso que a Empresa consolide um processo de inteligência estratégica que viabilize atualização sistemática da sua agenda de prioridades. Cada vez mais constata-se que o processo de planejamento estratégico a cada quatro anos não atende mais às necessidades da Empresa. Os alvos mudam com rapidez e a Empresa precisa estar mais atenta e responsiva às necessidades

da sociedade e às agendas e prioridades do Governo Federal. Planejar estrategicamente de forma episódica e em períodos muito longos tornou-se inadequado. Organizações de pesquisa que não têm capacidade de responder a novas realidades e desafios de forma rápida e eficaz ficam muito vulneráveis. Assim, a Empresa precisará consolidar com rapidez um processo de inteligência estratégica, baseado em estudos, análises críticas, antecipação ("Foresight"), etc, que a permitam revisar e manter a sua agenda atualizada de forma contínua. Portanto, prevê-se que doravante o processo de revisão da agenda será mais sistemático, sem datas prefixadas.

Folha: Que outras mudanças o processo de avaliação do SEG sugeriu?

Maurício Lopes: As avaliações externa e interna identificaram uma relativa dispersão na programação de pesquisa da Empresa. Hoje a Embrapa tem cerca de 1.100 projetos na programação. Apesar de esse número não poder ser considerado muito grande, em função do tamanho e complexidade da Embrapa, percebe-se que faltou ao SEG, ao longo desses anos, um elemento agregador de projetos afins. Certamente muitos projetos que poderiam ser executados em grande sinergia hoje encontram-se desconectados e relativamente dispersos. Tal dispersão e desconexão leva também a inevitáveis

ineficiências no uso de recursos físicos, humanos e financeiros, além de competição e redundâncias. Por isso, já iniciamos a concepção de uma inovação que será implantada muito em breve na dimensão tática do SEG. A ideia é manter integralmente os Macroprogramas – que garantem mecanismos eficientes de elaboração de chamadas e indução, além de processos muito consolidados de análise de mérito estratégico e técnico, que são cruciais para garantir qualidade à programação. O que se fará é a criação de um segundo componente gerencial do nível tático na programação: o da composição e gestão de portfólios.

Folha: O que são exatamente os portfólios?

Maurício Lopes: Os Portfólios serão conjuntos de projetos afins em temas de grande importância estratégica. Eles serão criados para complementar os nossos Macroprogramas – que não estão devidamente instrumentalizados para organizar e gerir conjuntos de projetos de forma harmônica e sinérgica. Estamos criando um processo que permita a priorização, a indução, a organização e a execução coordenada de conjunto de projetos complementares e sinérgicos, especialmente para temas que transcendam a dimensão e o escopo dos Macroprogramas. Com isso evitaremos que projetos com grande potencial de sinergia sejam executados em isolamento, levando a redundâncias, competição e à perda de eficiência. É muito importante salientar que os portfólios não vão substituir os Macroprogramas, mas operar de forma conjunta e interativa com eles. Outro aspecto importante é que líderes de pesquisa e as próprias Unidades serão chamados a contribuir mais diretamente na gestão do SEG, assumindo responsabilidades na gestão dos portfólios. Essa será uma maneira de descentralizar a gestão do SEG, incluindo as Unidades na governança do Sistema. As nossas Unidades precisam ser estimuladas a ter um papel mais ativo na definição de prioridades e na própria gestão da nossa programação, em especial nas

áreas e temas que são centrais para a sua missão. Não se pretende que as Unidades se envolvam diretamente na seleção final dos projetos, para se evitar conflitos de interesses, mas pretende-se que as mesmas assumam papel crucial na liderança e gestão dos portfólios estratégicos para a Empresa.

Folha: Como se dará a organização e o funcionamento dos portfólios?

Maurício Lopes: Os processos de gestão dos Macroprogramas serão mantidos para coordenação das chamadas, do processo de indução e da avaliação de mérito técnico. Os Macroprogramas continuarão gerenciando em nível tático a produção de informação sobre todos os projetos da Empresa, além da gestão orçamentário-financeira do conjunto da programação.

Os portfólios serão compostos a partir da Agenda Institucional, que doravante será revisada sistematicamente. O Comitê Gestor da Estratégia (CGE) utilizará a Agenda para apontar temas e áreas mais relevantes para composição de portfólios, bem como a dimensão e complexidade que os mesmos deverão ter. Líderes de pesquisa e Unidades serão designados e trabalharão com as informações geradas na gestão dos Macroprogramas e projetos, para composição inicial dos portfólios. Seu papel será analisar o andamento das ações planejadas, o esforço despendido, o orçamento do portfólio e ainda determinar ações necessárias para resolver desvios, redundâncias e conflitos. O processo de acompanhamento e a avaliação dos portfólios serão fortemente focados no processo de produção, ou seja, na geração de produtos, processos, serviços e informações, com vínculo direto com o DIR (sistema que vai substituir o SAAD). Outro ponto importante é que os portfólios vão nos ajudar a identificar vazios na programação da Empresa. E mais: nosso conceito de portfólio não é o de um programa permanente. Os portfólios não são programas e não são permanentes. Queremos que a Empresa tenha um mecanismo de grande fluidez e de grande

“

A expectativa é que até o fim do ano de 2011 os procedimentos para a organização dos primeiros portfólios estejam definidos, bem como os ajustes necessários na gestão das Unidades da Sede diretamente envolvidas na gestão do SEG. ”

Maurício Antônio Lopes, diretor-executivo de P&D

flexibilidade para que, apresentando-se um novo problema, um novo desafio, uma nova oportunidade, a Empresa possa, rapidamente, mobilizar as suas lideranças e as suas Unidades e compor portfólios sólidos. Uma vez superado aquele desafio ou resolvido o problema, a Empresa então dissolve aquele portfólio e cria outro, se for o caso.

Folha: A partir de quando essas mudanças serão implantadas?

Maurício Lopes: O processo será implantado de forma gradual, até porque a Empresa tem uma programação bastante ampla, tem muitos projetos em andamento e não se quer produzir descontinuidades no SEG. No curto prazo portfólios serão definidos em alguns poucos temas estratégicos, para ao longo dos próximos anos se converter boa parte da programação da Empresa para essa lógica. A expectativa é que até o fim do ano de 2011 os procedimentos para a organização dos primeiros portfólios estejam definidos,

bem como os ajustes necessários na gestão das Unidades da Sede diretamente envolvidas na gestão do SEG. Ao longo dos próximos dois anos espera-se que os principais portfólios estejam compostos e sendo executados. De imediato a Diretoria-Executiva acredita que a gestão de portfólios no SEG poderá ajudar no posicionamento e no reposicionamento da Embrapa em temas estratégicos (cana-de-açúcar, sanidade animal, sistemas de qualidade, etc); no direcionamento de esforços para busca de ativos de inovação (como patentes de produtos e processos, estoques genéticos valiosos etc.); na melhor coordenação da ação da Empresa em temas sensíveis (como desenvolvimento de OGMs); na melhoria da nossa capacidade de antecipação e resposta rápida a desafios emergentes; e na gestão coordenada dos projetos de cooperação internacional.

Folha: Existe expectativa com relação a alguma outra mudança?

Maurício Lopes: Em futuro próximo outros ajustes serão necessários, por exemplo, no acompanhamento e avaliação dos projetos. Não é fácil fazer acompanhamento e avaliação sistemática de uma carteira tão complexa, com mais de mil projetos. Mas na medida em que os projetos afins forem combinados em portfólios, o acompanhamento será facilitado, se centrado em conjuntos de projetos afins e sinérgicos, e não mais em projetos individuais.

Outro aprimoramento que pretendemos introduzir, aproveitando a experiência da rede FertBrasil – do Macroprograma 1 – é a disseminação e o uso do conceito de tutor de tecnologia. Os tutores são pesquisadores que têm a responsabilidade de fazer o acompanhamento de todo o processo de desenvolvimento de uma tecnologia. Esse é um mecanismo interessante para consolidarmos uma estratégia mais pragmática de acompanhamento e avaliação da programação, focando a produção e não simplesmente esforço, como tem sido praxe na Empresa. ■

ANO INTERNACIONAL DAS FLORESTAS

Katia Pichelli

A Embrapa convida seus empregados e internautas a fazer um “passeio” bastante especial pela pesquisa florestal brasileira. Com a criação e lançamento do hotsite Florestas na Embrapa (www.florestasnaembrapa.com.br), em setembro, o público brasileiro dispõe agora de um imenso repositório de informações sobre a pesquisa florestal realizada pela Empresa. A iniciativa quer marcar a presença da Embrapa no Ano Internacional das Florestas, proposto pela Organização das Nações Unidas como reflexão para 2011.

“Passeando” pelo hotsite, o internauta vai perceber que o

universo da pesquisa florestal na Embrapa é bastante amplo, tanto em termos geográficos quanto temático. Para a estreia, quem acessou encontrou textos sobre pesquisadores que se aventuram em arborismo para estudar melhor as castanheiras; plantio florestal que gera energia; árvores que nascem novamente recuperando áreas degradadas; inseto que deixa árvores bronzeadas, entre outros (veja mais nesta matéria).

Mas os assuntos não param por aí e o espaço será atualizado periodicamente com mais informações que estão sendo produzidas pelos Núcleos de Comunicação Organizacional das Unidades que têm pesquisa florestal. Conheça melhor cada uma das sessões do site. ■

Pesquisas florestais

Nesta sessão, a intenção é mostrar um pouco da pesquisa florestal realizada pela Embrapa. A cada semana entrarão no ar, novidades sobre como a Empresa trabalha o tema de Norte a Sul do Brasil. Veja um pouco do que já está publicado:



Foto: Alibeci Oliveira

Embrapa Acre

Nas alturas: arborismo ajuda a desvendar aspectos da castanheira. Para conhecer melhor a biologia reprodutiva da castanheira, uma das principais espécies amazônicas, pesquisadores têm de respirar fundo e ficar a 50 metros de altura do chão.



Foto: Vinicius Braga

Embrapa Amazônia Oriental

Integração lavoura-pecuária-floresta com plantio direto na Amazônia: tecnologia possibilita a produção de grãos, carne, leite e madeira na mesma área, implantadas de forma simultânea ou em ciclos culturais, garantindo mais produção para o homem e sustentabilidade para o meio ambiente.

Embrapa Agrobiologia

Metodologia de recuperação de áreas alteradas utiliza plantas que se associam a micro-organismos (bactérias e fungos endomicorrízicos) do próprio solo. Essas plantas, quando associadas a esses micro-organismos, têm a capacidade de se estabelecerem e se desenvolverem em áreas onde a matéria orgânica (principal fonte de nutrientes para as plantas) do solo é escassa. A técnica permite a revegetação rápida, mesmo nos locais onde o subsolo já está exposto. Por conta do projeto, os pesquisadores já estudaram mais de 800 espécies de plantas nos laboratórios da Embrapa.



Foto: Adellia Linsmeier

Embrapa Florestas e Embrapa Meio Ambiente

Novo inseto-praga pode trazer prejuízos para a eucalipto-cultura nacional: inseto que deixa árvores com as folhas bronzeadas é tema de estudo de projeto nacional que envolve Unesp/Botucatu, Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais – IPEF, Esalq/USP e Universidade Federal de Viçosa – UFV e conta com participação de Unidades da Embrapa.

Participe também com sua sugestão de pauta! Procure o NCO de sua Unidade!



Foto: Gabriel Frezza

Fique por dentro e Acontece por aí

Estas sessões atualizam o internauta com a cobertura de eventos que acontecem ou são realizados pelas Unidades, notícias de reuniões, lançamento de tecnologias etc. Um exemplo foi o plantio de árvores realizado pela Embrapa Agrossilvipastoril para comemorar a Semana da Árvore (foto); a informatização do herbário da Embrapa Pantanal e a apresentação de pesquisas com araucária feita pela Embrapa Florestas.

Florestas na web

Indica sites interessantes que também abordam a temática florestal.

As florestas e você

Percebe-se que as pessoas, de modo geral, não fazem ideia de como as florestas, tanto nativas quanto plantadas, fazem parte do nosso cotidiano. Esta sessão quer fazer com que o internauta olhe à sua volta e perceba as florestas em sua vida.

Já estão publicadas informações sobre fabricação de papel, tipos de painéis utilizados para fabricação de móveis e até mesmo o que uma pizzaria tem a ver com as florestas.

Tem alguma curiosidade que você conhece sobre a presença das florestas no dia a dia das pessoas? Ou alguma pergunta a fazer? Passe para a gente!

Ciência em Palavras

Esta sessão traz artigos de divulgação na mídia de pesquisadores da Embrapa: pesquisas em andamento, resultados de pesquisas e opiniões sobre a questão florestal.

Um modelo democrático

A pesquisa florestal na Embrapa começou com o estabelecimento do Programa Nacional de Pesquisa Florestal (PNPF), resultante de convênio firmado entre o IBAMA (ex-Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal-IBDF/MA) e a Embrapa, em maio de 1977. Com o PNPF, foi dada à Embrapa a responsabilidade de coordenar, executar e apoiar a execução da pesquisa florestal brasileira no âmbito do Ministério da Agricultura. O PNPF teve como mérito ser implementado num modelo de administração colegiada, com participação da sociedade em todas as etapas de sua concepção e execução.

O crescimento do setor florestal brasileiro, alicerçado nos resultados de pesquisa obtidos pela Embrapa, universidades e instituições como o Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais (IPEF), a Sociedade de Investigações Florestais (SIF) e a Fundação de Pesquisas Florestais do Paraná (FUPEF), fez com que o Brasil passasse de importador a exportador de produtos florestais, no curto prazo, e registrasse recordes de produtividade florestal sequer imaginados no passado.

(Fonte: PINTO JÚNIOR, J. E.; FERREIRA, C. A. (Ed.). A pesquisa florestal na Embrapa 1978-1993: versão preliminar. Colombo: Embrapa Florestas, 2008. 1 CD-ROM. (Embrapa Florestas. Documentos, 171).

Novos rumos para a transferência de tecnologia

A versão de trabalho da Política de Transferência de Tecnologia da Embrapa foi concluída no início de outubro. A "Versão Zero", como está sendo chamada, passa agora pela avaliação das Unidades Descentralizadas, seguida por uma série de debates regionais, realizados via videoconferência. A etapa seguinte será sistematizar todas as sugestões apresentadas e reunir o Grupo Consultivo, que conta com representantes de diversas UD's, para produzir a "Versão 1" da Política de TT. Esse documento será apresentado na reunião de chefes de P&D e TT, agora em novembro, e segue para avaliação dos chefes-gerais na reunião de dezembro. O crivo final será da Diretoria-Executiva da Embrapa, também em dezembro. A expectativa é que a versão final da Política de Transferência de Tecnologia seja publicada em janeiro de 2012. Confira nesta entrevista do diretor executivo de TT da Embrapa, Waldyr Stumpf Junior, os bastidores da elaboração dessa política e quais são as novidades que ela traz.

Folha: Como foi elaborada a Versão Zero da Política de Transferência de Tecnologia da Embrapa?

Waldyr Stumpf: A Versão Zero foi construída a partir da recuperação de documentos e de reuniões com as Unidades Centrais, Descentralizadas e com instituições parceiras ligadas à academia (universidades), à produção de alimentos, às cadeias produtivas, às instituições públicas, à assistência técnica, à extensão rural e às organizações não governamentais. Foi organizado um Grupo Consultivo com representantes das Unidades Centrais e Descentralizadas e nós ouvimos todos esses segmentos. Esse esforço nos permitiu, por meio de um Grupo de Trabalho Executivo formado por representantes de todas

as Unidades Centrais que têm interface com transferência, elaborar esse documento que estamos chamando de "V0".

Folha: Que novidades a Política de Transferência de Tecnologia traz para a Embrapa?

Waldyr Stumpf: O grande diferencial atualmente é a necessidade de a Transferência enxergar a sociedade como um todo. Não adianta resolver o problema só da propriedade rural. As soluções precisam atender à sociedade. Ao longo de quase 40 anos, a Embrapa gerou um volume expressivo de tecnologias que alavancaram a produção de alimentos do País. Existe, entretanto, um espaço significativo para que essas e novas tecnologias venham a ser apropriadas não só pelos agricultores, mas pela sociedade.

Folha: E como fazer para que esse conhecimento seja apropriado pela sociedade?

Waldyr Stumpf: Esse trabalho deve ser feito por meio da articulação da Embrapa com todos os atores ligados ao setor, como ministérios, governos locais, Emateres, Oepas, sindicatos, organizações não governamentais, entre outros. Para fazer com que a pesquisa chegue até o campo, nós temos que buscar as conexões, as in-

“O grande diferencial atualmente é a necessidade de a Transferência enxergar a sociedade como um todo.”

Waldyr Stumpf, diretor executivo de Transferência de Tecnologia

terfaces com esses outros segmentos.

Folha: A Embrapa está preparada para esse desafio?

Waldyr Stumpf: A questão da TT é hoje uma das preocupações centrais da Diretoria da Embrapa. Prova disso é que foi criada uma Diretoria-Executiva e um Departamento para tratar desse assunto. Também estamos finalizando uma política de TT e reforçando as áreas de transferência nas Unidades Descentralizadas. A nossa estrutura de pesquisa é muito poderosa, mas nós temos que fazer com que as tecnologias geradas cheguem à sociedade. Então, fazer essa articulação com todos os segmentos ligados ao setor agropecuário, e não só a transferência, é fundamental para superar aquela fase em que nós só entregávamos tecnologias, sem saber se elas seriam utilizadas e aceitas. Também é muito importante que todas as políticas da Empresa conversem entre si. Deve haver uma convergência entre as políticas de P&D, de TT e de Comunicação da Empresa. Elas devem ser harmônicas, porque na verdade a política da Empresa é uma só e deve apontar os caminhos para que possamos, nos próximos anos, construir a nossa agenda de pesquisa, a nossa agenda de transferência e para que as Unidades tenham um norte. ■



O MEL DO SERTÃO

Embrapa e CHESF capacitam produtores para a criação de abelhas no Semiárido. Mais de 200 pessoas já foram beneficiadas na Bahia

Fernanda Birolo

Buscando melhorar a qualidade de vida das famílias do sertão nordestino, a Embrapa Semiárido (Petrolina, PE) e a Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (CHESF) estão investindo na capacitação de produtores para a criação de abelhas. Os cursos são oferecidos como parte do projeto "Ações de desenvolvimento para produtores agropecuários e pescadores do território do entorno da Barragem de Sobradinho (BA)", desenvolvido em parceria entre as duas instituições.

O objetivo, segundo o coordenador do Projeto, Rebert Coelho, é capacitar e incentivar os produtores para explorar a apicultura de maneira racional e adequada. Mais de 200 produtores dos municípios de Sobradinho, Pilão Arcado, Remanso, Casa Nova e Sento Sé, na Bahia, já foram beneficiados. De acordo com a pesquisadora da Embrapa Semiárido Márcia de Fátima Ribeiro, a maioria deles já tem outra atividade principal, e pretende usar a criação de abelha como fonte de renda secundária.

O produtor José Ricardo Gonçalves,

por exemplo, tem apenas 19 anos e trabalha com apicultura desde os 9. Apesar de criar animais - como ovelha, bode e galinha -, ele reconhece as vantagens dessa atividade: "Com certeza a abelha é mais rentável, porque você tem um único investimento, quando começa, e vai ter lucro pro resto da vida".

“Com a melhoria da qualidade dos produtos apícolas, o valor dos produtos será maior, possibilitando a melhoria de renda.”

Márcia de Fátima Ribeiro, pesquisadora da Embrapa Semiárido

O investimento na apicultura tem se apresentado como um bom negócio para o sertão nordestino, como observa a professora Eva Mônica, da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf). "Aqui na Caatinga algumas culturas ficam inviáveis para os produtores porque não tem água suficiente. Porém, a região tem uma grande quantidade de plantas apícolas, ou seja, que têm condições de produzir tanto o pólen como o néctar", explica. Para o instrutor José Fernandes Neto, engenheiro agrônomo da Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA), "a intenção é fazer bem o que a região pode produzir bem". ■



Novo investimento

De profissão ele é cabeleireiro, mas resolveu, paralelamente, exercer outra atividade. Nilson Passos Lopes, de Remanso (BA), se interessou pela apicultura ao conhecer as colmeias no sítio de um amigo.

Para começar, ele participou de cursos de capacitação e comprou, inicialmente, dez caixas de abelha. O negócio foi crescendo e Nilson agora conta com mais de 50 caixas - o que rende uma produção entre 500 e 1.000 kg de mel por ano. "O trabalho é uma maravilha", afirma ele, mostrando seu encanto pelas abelhas.



Trabalho com amor

Também natural de Remanso, Gilson Ferreira da Costa trabalhava como metalúrgico em São Paulo. Depois de aposentado, decidiu voltar à terra natal, onde começou uma criação de abelhas há dois anos.

Quando voltou à Bahia, viu que muitos produtores estavam trabalhando com apicultura. E ouvia os comentários: "É melhor do que criar ovelha ou cabra", lembra-se. Hoje Gilson tem 100 caixas de abelhas e só no ano passado produziu 700 kg de mel. "Precisa gostar, ter vontade, ter carinho. Quando a gente trabalha com amor, a coisa vai pra frente."



Fotos: Fernanda Birolo



Foto: Charles Damasceno



A ARTE QUE VEM DO MILHO

Entre uma palha e outra, artesanato muda a vida de agricultores em Minas Gerais. Pesquisas da Embrapa valorizam o trabalho da comunidade

Guilherme Viana

Gente humilde, sofrida, batalhadora, que acorda antes das cinco da manhã de segunda a segunda para ganhar o pão. Pessoas que vivem da roça, batendo enxada, plantando milho, feijão, que têm no canto dos olhos as marcas de anos de dedicação, mas com uma esperança que sempre se destaca em meio às dificuldades.

É essa esperança está mudando a vida de dezenas de agricultores na Zona da Mata mineira, no município de Cipotânea, com pouco mais de seis mil habitantes, e que tem na agropecuária e na produção artesanal em palha de milho as duas principais atividades econômicas.

Dona Maria Francisca Vieira Moreira é uma dessas personagens que chamam a atenção de qualquer morador de cidade grande. Simpática, de olhos verdes marcantes, ela não para de tecer a palha enquanto concede a entrevista. “Sou artesã desde os sete anos.” Hoje, com 42, dá graças ao dinheiro conseguido com a venda do



Folha da Embrapa

Foto: Guilherme Viana

Com harmonia

artesanato. “Conseguí comprar meus móveis e alguns eletrodomésticos com esse dinheiro.”

Mas a maior benfeitoria – como diz o povo do interior – é ajudar a filha, de 19 anos, a estudar. “Ela faz um curso técnico em Radiologia em Viçosa”, explica. Com a renda do marido, que trabalha na roça e planta milho e feijão, a família consegue ir tocando a vida, estudando os filhos. O casal tem mais um rapaz, de 16 anos, que ajuda nas tarefas diárias.

E a Embrapa tem participação nessa história. Com a criação da Associação das Artesãs do Município de Cipotânea, com o apoio da Emater de Minas, uma palha mais macia e com duas opções de cor, uma mais clara e outra com tons amarronzados, resultado de pesquisas da Embrapa Milho e Sorgo (Sete Lagoas, MG), foi introduzida na comunidade. “Ela é boa porque dá um tom diferente. Não precisa usar tintura. É economia de tempo e dinheiro”, afirma Dona Maria Francisca.

A presidente da associação, Cecília da Silva Miranda, de 57 anos, tecelã desde os 17, define muito bem o trabalho em conjunto feito pelos artesãos, Emater e Embrapa. “A gente se sente mais valorizado com essa ajuda. Há dez anos cada um fazia seu trabalho isolado, cada um na sua casa. Hoje não. Até os homens tecem, a associação ajudou a tirar o preconceito”, diz.

Na cidade, uma das únicas fontes de renda, além da agropecuária, é o artesanato com a palha de milho, que movimenta o comércio local, o turismo. De difícil acesso, o município de Cipotânea tenta sobreviver expondo os trabalhos dessas artesãs em feiras, em vitrines de lojas em aeroportos e em shoppings. Bonecas, flores, cestos decorativos, bancos, descansos de panela, forros americanos, bolsas e tudo o mais que servir de inspiração vira obra de arte. O único pesar nisso tudo é o disparate entre os preços das peças artesanais praticados pelas lojas na cidade grande e os cobrados pelas artesãs na associação. Mas aí é outra história. ■

Folha da Embrapa

Documentário 11

Mandioca superstar

Pesquisador da Embrapa protagoniza documentário lançado recentemente na Bahia. No filme, Joselito Motta fala sobre a raiz e sobre a história do Brasil, além de participar como narrador

Alessandra Vale

O documentário “Mandioca – Raiz do Brasil”, lançado recentemente pela TVE/Irdeb (Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia), conta com a participação de uma figura para lá de conhecida entre os “mandioqueiros”: trata-se do pesquisador Joselito Motta, da Embrapa Mandioca e Fruticultura (Cruz das Almas, BA).

Dirigido por Ângela Machado e produzido por Gurgel de Oliveira, o filme registra nas cidades baianas de Cruz das Almas, Santo Antônio de Jesus, Tancredo Neves, Vitória da Conquista, Entre Rios e Banzaê a relação da agricultura familiar com a mandioca, uma raiz imersa em solo brasileiro que garantiu a sobrevivência dos índios durante séculos e tornou possível o processo de colonização por se adaptar bem a todo o território nacional. As imagens e a edição são assinadas por Denilson Mota e Caetano Travassos, respectivamente.

No documentário, Joselito esbanja conhecimento sobre a mandioca e a história do Brasil, tendo seus depoimentos referendados por historiadores como Ricardo Carvalho e Rui Medeiros. Ele destaca, por exemplo, que o primeiro registro sobre a agricultura no Brasil, na carta de Pero Vaz de Caminha, foi sobre a mandioca. “Esse documentário, com o cenário vastíssimo que foi mostrado, torna-se um poderoso instrumento, pois revela para o mundo a importância da mandioca”, diz Joselito.

Ganham voz no filme os índios Kiriris de Mirandela, do município de Banzaê. Eles invocam a lenda indígena de Mani do surgimento da raiz, falam de sua presença entre os índios, primeiros consumidores da mandioca em forma de beiju ou farinha, e como esses derivados foram apropriados e passa-

ram a fazer parte da culinária dos colonizadores europeus. Reveladores são também os depoimentos de consumidores e de pequenos agricultores, que, em sua maioria, passaram pelos cursos de capacitação do Centro de Tecnologia em Mandioca (CTM) da Embrapa Mandioca e Fruticultura.

Na mesa do povo brasileiro, na forma de farinha, beiju ou biscoito, de iguarias sofisticadas ou regionais como a maniçoba, ou na versão do beiju colorido (criado por Joselito) e da “pizzaioça”, criada pela culinária Iracema Sampaio, sendo o prato elaborado pelo chef Layr Marins, a mandioca é um produto extremamente versátil. O amido diferenciado contido em suas raízes tem ampla aplicação nas mais variadas indústrias (cosméticos, papelaria, petrolífera etc.), além de agregar outro valor de grande importância que é o fato de não conter glúten.

“Mandioqueiros” do Brasil

Os *mandioqueiros*, como são chamadas as pessoas que em suas áreas (seja na pesquisa científica, na gastronomia, na saúde, na política ou na educação) atuam pela valorização da mandioca, estão espalhados por todos os cantos do País. No topo dessa lista, que aumenta cada dia, está Joselito Motta. Um dos maiores especialistas nos usos da mandioca, Joselito dedica sua vida – e lá se vão 36 anos como pesquisador da Embrapa Mandioca e Fruticultura – à divulgação da importância social, econômica e cultural desse produto genuinamente brasileiro, exótico e orgânico. Inquieto e irreverente, esse “semeador de sonhos”, como se autodefine, teve todo o seu esforço coroado com o documentário produzido pelo Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia. Joselito contribuiu na produção e roteiro, além de participar como uma espécie de narrador do filme de 54 minutos. ■



A estreia do filme



Joselito e sua “paixão”



O pesquisador e a equipe de produção



Para assistir a “Mandioca – Raiz do Brasil”, acesse <http://www.irdeb.ba.gov.br/component/mediaz/media/view/2084>

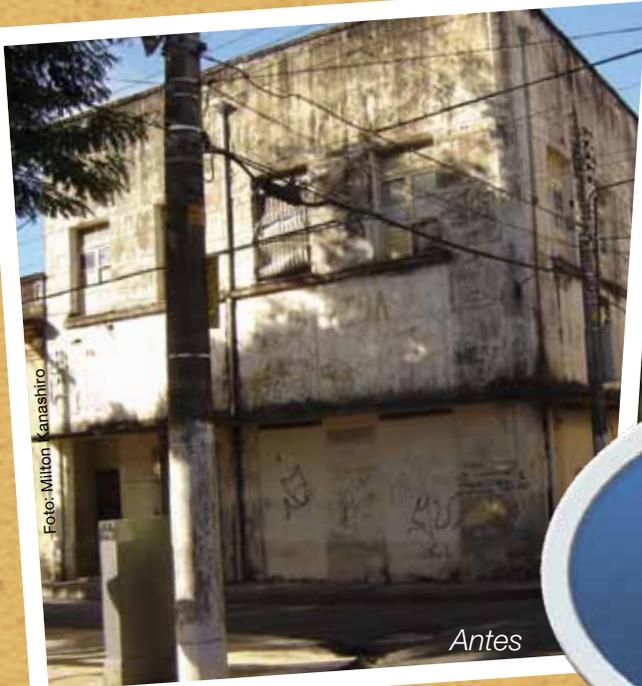


Foto: Milton Kanashiro

Antes



Foto: Milton Kanashiro

Depois

SOLAR 54: A CASA DA REVISTA

Izabel Drulla Brandão

Sabem aquela “casa de revista”? A do pesquisador Milton Kanashiro, em Belém (PA), batizada de “Solar 54”, é uma dessas, tão bela quanto histórica.

Plantado em 1850, aviltado depois por reformas deformantes, intempéries e abandono cruel, o casarão hoje está lá, recuperado, ou melhor, reanimado, por investimento e paixão desse engenheiro florestal que faz do equilíbrio entre ciência e arte a sua razão de ser, viver e trabalhar.

Foi num cartão postal de 1920 ostentando a fachada que Milton se baseou para restaurar o imóvel. “À medida que a recuperação prosseguia, íamos desvendando os mistérios interiores da casa, seus arcos escondidos, as tábuas do chão de acapu e pau-amarelo. Todo o material aproveitável foi reciclado”, conta ele.

Entre a compra do imóvel e a mudança, em 2009, foram sete anos. O triplo do tempo programado e muitos gastos a mais, parte deles financiados pelo Monumenta, programa federal de recuperação de patrimônio urbano. Milton deu seu jeito. Vendeu o carrão importado e comprou um fusquinha. Contou com a ajuda de um engenheiro, um arquiteto e dois artistas plásticos amigos seus para opinarem sobre o quê e como fazer. Pesquisou sobre restauração. “Foi um período de crescimento pessoal muito grande”, relembra.

Mas que tipo de alquimia ocorreu no âmago do cientista para levá-lo a uma empreitada onerosa e incomum, capaz de transformar um cinzento “chumbo” arquitetônico em puro “ouro” da arte da restauração e do bem viver?

Primeiro: O amor pela cidade. Milton Kanashiro se encantou com Belém desde que veio de São Paulo para a Embrapa Amazônia Oriental, onde atua desde 1979 com silvicultura e genética florestal, sendo articulador internacional da Unidade há 11 anos e ex-chefe de Pesquisa & Desenvolvimento.

Segundo: O amor pela cultura. A iniciativa incomum na cidade para um

cidadão repercutiu tanto que já rendeu monografia, reportagens na imprensa nacional e internacional, como Casa e Jardim, edição especial de junho deste ano, e o documentário francês: www.vimeo.com/groups/bresil.

Terceiro: O amor pela amizade. Receber e hospedar os amigos é um de seus grandes prazeres. Quem o visita descobre: mesmo no silêncio, no lar de Milton não falta assunto, pois a casa fala por si.

Quarto: O amor pela ciência. “A arte e a ciência são a chave dessa história”, resume o pesquisador, que vive cercado por obras de arte e artesanato (inclusive em sua sala na Embrapa), entre as quais uma luminária de carcaça de telefone-público e a grande mas leve escultura vazada em arame de um boto (ou golfinho?) pendendo do teto feito um móbile.

“A arte humaniza o olhar para a ciência e influencia no processo científico, na intuição do cientista. A arte abre espaço para a reflexão”, afirma o pesquisador, que se refere ao seu orientador de doutorado, Gene Namkoong (referência mundial em genética florestal, falecido em 2002), como um verdadeiro mestre nesse sentido. Coordenador do premiado projeto Dendrogene, Milton Kanashiro conseguiu alguns resultados culturais e comunicacionais diferenciados, entre eles, a transformação do tema polinizadores em livros infanto-juvenis ricamente ilustrados e escritos. ■

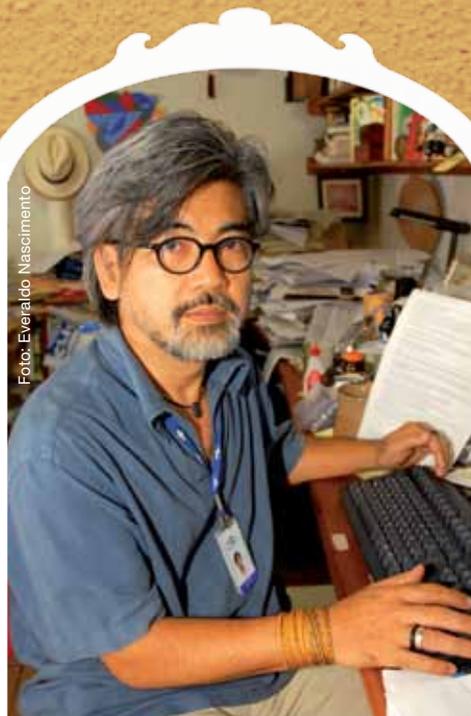


Foto: Everaldo Nascimento